

M-93-25



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ESTUDO DA VAQUEJADA INSERIDA NO CONTEXTO DO SER
TANEJO RURAL: O VAQUEIRO

AUTORA: ELOÍSA MARIA DE FARIA



NATAL, JULHO DE 1993



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ESTUDO DA VAQUEJADA INSERIDA NO CONTEXTO DO SER
TANEJO RURAL: O VAQUEIRO



MONOGRAFIA APRESENTADA À DIS
CIPLINA PESQUISA HISTÓRICA II
POR OCASIÃO DA GRADUAÇÃO DO
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATU
RA E BACHARALADO DA U.F.R.N.

AUTORA: ELOÍSA MARIA DE FARIA

ORIENTADORA: MARLENE DA SILVA MARIZ

NATAL, JULHO DE 1993



À dois tios, homens sempre do sertão terra:

Quelé e

Padrinho Oscar (in memoriam)



A G R A D E C I M E N T O S

Aos meus pais e irmãos pelo apoio;

Às pessoas que, de uma forma ou de outra, me deram uma força na realização deste trabalho: Oswaldo Lamartine, Sezor, Vauban Bezerra.



S U M Á R I O

RESUMO.....	06
OBJETIVO	07
INTRODUÇÃO	08
1- CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	11
1.1-A pecuária no sistema colonial.....	11
1.2-As fazendas de gado.....	13
2- A VAQUEJADA.....	16
2.1-Origem.....	16
2.2-Diferenciações/Regionalismo	18
2.3-As apartações	19
2.3.1-A pegada	20
2.3.2-A derruba	23
2.4-O vaqueiro.....	24
2.5-A descontextualização da vaquejada	25
3- INDUMENTÁRIA	29
3.1-Preparação do couro.....	29
3.2-Sobre o vestuário.....	31
3.3-Anexos	32
3.3.1-Encouramento do vaqueiro	33
3.3.2-Encouramento do animal	36



CONCLUSÃO	37
NOTAS BIBLIOGRÁFICAS	38
FONTES BIBLIOGRÁFICAS	40



R E S U M O

Detem este estudo na focalização da vaquejada, caracterizando-a como uma manifestação peculiar da cultura popular do sertanejo rural. Além da vaquejada em sí - origem, diferenciações e regionalismo, apartações, vaqueiro e descontextualização - dispensou-se devida atenção para a pecuária, as fazendas de gado e a indumentária, visando atingir uma apreensão mais conectada desse evento com a vida cotidiana do vaqueiro.

O B J E T I V O

O presente trabalho tem como objetivo focalizar a vaquejada como um momento vinculado a vida do vaqueiro, justificando esta "festa" como uma extensão da vida cotidiana desse sertanejo, e não como uma mera dizversão. Tenta, além de resgatar este teor intrínseco, localizar tal evento em um ambiente peculiar aos sertanejos rurais.

I N T R O D U Ç Ã O

O estudo da vaquejada tem, neste trabalho, a preocupação de focalizá-lo junto e entrelaçado com os outros aspectos comuns à vida rural. Sob tal ótica, traça-se com o decorrer da problemática abordada, o quadro quotidiano de um vaqueiro no seu trabalho com o gado, e que naturalmente vai modelando e burilando a sua vida.

É sob este prisma que a adesão a este tema foi motivado pelo desejo de, senão resgatar, pelo menos, tentar resgatar a vaquejada a sua cultura própria - a relação contínua do homem sertanejo rural com o gado coloca a vaquejada num evento extensivo da luta constante de uma fazenda pecuarista.

A análise, aqui feita, pretende chegar a um entendimento mais claro, ou mais justificador (querendo entender, talvez, a brutalidade do evento) do porquê da vaquejada. O parque da vaquejada é apenas o espaço físico de outra instância do convívio do vaqueiro e seu gado, ou pelo menos, era e ainda deveria ser.

Deveria ser, sim. É egoistamente e revelador o desvinculamento do clima rural e natural, descaracterizando-a e revestindo-se, atualmente, mais como uma festa urbana de caracteres exóticos, deixando à margem o va-

queiro e a sua relação, mesclada de cumplicidades, com o seu gado.

Para tanto, a abordagem esboçada aqui dividiu-se em três partes, a saber:

1ª Parte - Detém na importância da pecuária dentro do quadro econômico e social do Brasil e do surgimento das fazendas de gado, e o que esta nova configuração espacial significou.

2ª Parte - Centraliza no evento enquadrado no cenário rural. Através de abordagens sobre a sua cultura, a origem, as diferenciações/regionalismo, as apartações, as pegadas, as derrubas e a descontextualização da vaquejada, tenta retratar esse momento de interligação do vaqueiro com o gado.

3ª Parte - No tocante a indumentária. Discorre sobre o couro e a sua preparação (da tiragem até chegar ao ponto de ser cortado para manufaturá-lo em peças da indumentária), sobre haver alterações no figurino ocorridas com o tempo e com espaços físicos dife-

rentes; e valendo-se de desenhos, ilustra as peças do encouramento do vaqueiro e do seu animal.

As diretrizes da metodologia aqui aplicada, baseou-se em depoimentos obtidos com vaqueiros antigos, ainda de campo aberto, ou apenas, com pessoas ligadas a vida rural de uma fazenda; visitas a vaquejadas e pesquisa bibliográfica: literaturas específicas e literaturas de enfoque mais amplo.

1- CONSIDERAÇÕES GERAIS



1.1 - A Pecuária no Sistema Colonial

A economia do início do Brasil colonial era fundamentada na produção latifundiária e monocultura da indústria do açúcar. A Europa necessitava deste produto, e o Brasil na condição de colônia portuguesa, era terra propícia para a obtenção de uma larga escala: produtora e abastecedora do mercado europeu via Portugal. Para tal envergadura, a ocupação fora feita de modo mercantilista, necessitando não só da ocupação e exploração da terra, como também dos seus nativos, o índio, além de mais uma força de trabalho: o negro africano. Na condição de escravos, estes dois elementos, principalmente o segundo, atuaria como força motriz juntamente com o gado, que de início, além de ser um braço de trabalho na produção açucareira e ter a sua carne destinada ao abastecimento da população, posteriormente ganharia novas dimensões econômica colonial. Assim acrescenta-se uma outra nova forma de organização econômica e social: as fazendas de gado.

A pecuária, surge, assim no cenário do sistema latifundiário da produção açucareira, como força fundamental, embora ainda desempenhá uma atividade secundária

dentro dos ditames da política mercantilista implantado pela coroa portuguesa. Sua carne era necessária para suprir a mesa da população e a força de trabalho. "Na primeira fase, o trabalho agrícola e o beneficiamento da cana, tornam o gado vacum peça essencial da propriedade escravista. É a fase em que o gado fornece ao homem a carne para alimento da população local, particularmente do escravo; a força de trabalho para a moenda, nos engenhos-trapiches, onde substitui, nesse mister, a força do escravo". (1)

Se a priori a pecuária limitava-se a tais objetivos, logo ela apresentaria outras feições vindo a ser mais uma força paralela à indústria açucareira, tornando-se aos poucos e constantemente, autônoma desta. Este distanciamento natural decorrente da especificidade organizacional que as fazendas de gado iriam tomar, será acentuado com a Carta Régia lançada em 1701 por Dom Pedro II, proibindo a criação a menos de dez léguas do litoral, pois a estas terras estava destinada o cultivo da cana-de-açúcar.

Com tal medida, o gado definitivamente, seria o elemento preponderante no desbravamento das terras brasileiras, além de sua costa litorânea: a procura de novos pastos mais amplos e com uma independência considerável do policiamento do governo lusitano, a pecuária adentraria pelos sertões, seguindo os cursos dos rios, conquistando novas terras e dando ocupação do interior nordestino. "Sua base econômica será sempre a pecuária, e os grandes focos de irradiação continuarão sendo Bahia e

Pernambuco. Partindo do primeiro e alcançando em meados do século XVII, o rio São Francisco, à disposição das fazendas de gado tomará daí por diante duas direções. Uma delas subirá pelo rio, acompanhando seu curso (...). A outra direção que toma a progressão das fazendas de gado depois de atingido o rio São Francisco, é para o Norte".⁽²⁾

Adquiriu, assim, para si, o papel de intercomunicador entre as diferentes regiões do Brasil, consequente do seu fluxo.

1.2 - As Fazendas de Gado

A nova organização espacial dentro da colônia, pedia uma flexibilidade maior no trabalho diário com o gado, do que com as plantações de cana para servir a indústria açucareira, não exigindo, necessariamente, a força do trabalho escravo.

A grande extensão das terras já era por si só, um meio para essa maleabilidade. A partir da divisão destas sob o sistema de arrendamento - como medida de obter um maior controle territorial, visto que o proprietário não tinha condições de ter uma constante vigilância eficaz sob seu rebanho e seus empregados - dar-se-á a penetração em todo o latifúndio da propriedade pecuarista.

Esses arrendamentos serão, ainda de forma pálida, um significativo fator de enfraquecimento e quebra

dos privilégios da classe detentora do poder na colônia, já que o vaqueiro após cinco anos de trabalho, receberia do seu patrão, como pagamento e de uma só vez, o relativo a 1/4 das crias, acumuladas as quotas de todo esse tempo de serviço. Tal prática proporcionará a este vaqueiro condições de comprar pequenas terras, oriundas das subdivisões dos sucessivos arrendamentos e, em alguns casos, o ganho de terras era uma recompensa a feitos militares. Havendo ainda, quando o vaqueiro se destacava, o pagamento fixo anual.

Quanto a multiplicidade dos rebanhos, os currais ganharam nova configuração espacial, deixando de ser uma simples aderência dos engenhos, para tornar-se um espaço físico independente, provocando nitidamente a primeira separação entre a fazenda e o engenho, agora, então, o curral e o eito.

Esse aumento quantitativo do gado produzirá uma nova fonte de economia, aproveitando o couro na exportação de meios de sola para Lisboa e servindo como envoltório para rolos de tabaco, favorecendo a exportação fumageira, que por sua vez estimulará mais o desenvolvimento do criatório. "No século XVII, quando a pecuária toma o seu primeiro grande impulso, tem início também a cultura do fumo e com ela se abria um vasto campo para o emprego do couro, como envoltório dos rolos de tabaco".
(3)

Nesse contexto é importante notar que as fazendas de gado significam, com o correr do tempo, formações dos primeiros povoamentos, uma vez que com a penetração,

multiplicação e distribuição do gado, e o aumento sucessivo de pequenos proprietários, efetiva-se não só a conquista das terras pelas terras, mas também a aglomeração de pequenos núcleos que se fixaram ampliando-se nas ocorrências de feiras de gado.

2 - A VAQUEJADA

Para um evento se caracterizar como cultura popular de específica sociedade, ou de algum determinado setor dessa sociedade, é necessário que este esteja impregnado de significados que simbolize, de uma forma ou de outra, aspectos essenciais do seu povo.

Os signos ditam, modelam, revelam, justificam e até defendem sua verdadeira identidade quando integrados dentro do contexto de sua habitual rotina, rebatendo ora na esfera do trabalho, ora na esfera do lazer.

É sob esta ótica que a vaquejada inserida na vida rural repercute aspectos da cultura peculiar do sertanejo rural, principalmente do vaqueiro. A derruba neste contexto une, mais uma vez, o vaqueiro ao seu gado.

2.1 - Origem

A vaquejada, ato de derrubar a rês com um puxão pela cauda, defende o folclorista Luiz da Câmara Cascudo, ser de origem espanhola e, também, que Portugal desconheceu esta cultura, perdurando a sua tradição em ter-

ras de colônias americanas, entre grupos de pastores.

"A vaquejada, caracterizada pela saída, puxão pela saia, queda-de-rabo, acredito ser de origem espanhola [...]. Não se transmitiu a Portugal. Desapareceu na Espanha, mas resiste nas terras d'América, entre as populações pastoris do antigo domínio colonial". (4)

A data de 1870 é o registro mais antigo que se tem da prática da derruba pela cauda no Brasil. Tal informação está no poema de José de Alencar, o Nosso Cançãoeiro: "... Segue o vaqueiro sem toscanejar; e após ele rompe os mais densos bamburrais. Onde não parece que possa penetrar sua corça, passa com rapidez do raio, o sertanejo a cavalo; e não descansa enquanto não derruba a rês pela cauda". (5)

Também documentada a derruba pela cauda, por Euclides da Cunha, em Os Sertões: "O touro largado ou o garrote vadio em geral refoge à revista. Afunda na caatinga. Segue-o o vaqueiro. Cose-lhe no rastro. Vai com ele às últimas bibocas. Não o larga; até que surja o ensejo para um ato decisivo: alcançar repentinamente o fugitivo de arranco; cair logo para o lado da sela, suspenso num estribo e uma das mãos presa às crinas do cavalo; agarrar com a outra a cauda do boi em disparada e com um repelão fortíssimo, de banda, derribá-lo pesadamente em terra ..." (6)

Nota-se que a vaquejada, festa da derruba, decorreu das apartações: era um momento oportuno, acontecia juntamente com atividade funcional e rotineira do vaqueiro. Nesses tempos a pegada dava-se em campos fecha-

dos (no meio das caatingas) e em seguida a derruba, no pátio destinado a reunião da boiada, também um espaço aberto sem limites de cercas.

Hoje a derruba, ou melhor, a vaquejada distorcida, dá-se em parques meticulosamente medidos e limitados em um conjunto de regras pré-estabelecidas, e seus corredores se distanciam da condição de vaqueiro.

2.2 - Diferenciações/Regionalismo

Registra-se a derruba também pela queda de vara, além da queda pela cauda, chegando até a coexistência dessas duas formas no Brasil. A queda de vara (com fardas ou aguilhão presos no final da vara) consiste em levar ao chão a rês, no momento que emparelhado, animal e boi, cravar a ponta do ferrão nos flancos, entre as costas e a anca, fazendo-a cair fortemente.

Na queda pela cauda temos a sua popularização rápida e de grande extensão em todo o interior do Nordeste. Os campos dos nossos sertões deve ter influenciado essa tomada pela derruba de rabo, visto que as caatingas, as juremas, os marmeleiros, dificultavam o lançamento da vara de ferrão no alvo certo.

No estado do Rio Grande do Sul adotava-se a aguilhada. Questionante a ausência completa da queda de rabo nesse estado, uma vez que os países vizinhos (Argenu

tina e Uruguai) mantinham a tradição do derruba pela cauda. Também, até início do século passado, nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, corria-se o boi com farpas e aguilhão.

2.3 - As Apartações

É o momento de apartar o gado, devido a inexistência de cercas fazendo divisas entre as fazendas de gado vizinhas.

O gado de uma região só - envolvendo várias fazendas - era criado solto e misturado em grupos abertos ou em pastos comuns (serrotes, caatingas, amplos pastos). Chegado mês de junho de um ano de inverno seguro, inúmeros vaqueiros dessas fazendas se reuniam, embrenhando-se nos matos para juntar todo o gado e levá-lo a um único e grande pasto, já previamente escolhido e preparado, ocorrendo a apartação.

"Os campos de criar não eram cercados. O gado, criado em vastos campos abertos, distanciava-se em busca de alimentação mais abundante nos fundos dos pastos. Para juntar o gado disperso pelas serras, caatingas e tabuleiros, foi que surgiu a apartação".⁽⁷⁾

"No fim do inverno - São João ou Sant'Ana - quando a pastagem madura principiava a secar, se dava começo à apartação. Numa fazenda previamente escolhida, que

oferecesse mais acomodação nos currais ou por ser mais equidistante das outras, reuniam-se os fazendeiros com pessoas de suas famílias e seus melhores vaqueiros". (8)

"Criado em comum nos campos de inverno seguro, era conduzido para os grandes currais, escolhendo-se a fazenda maior e de mais espaçosos terreiros". (9)

Da necessidade da apartação, entre a pegada do gado e a remoção às fazendas dos seus donos, havia a der ruba, e daí, a vaquejada.

A vaquejada originou-se, portanto, de um momento cotidiano do trabalho do vaqueiro, e que segundo depoimentos colhidos com vaqueiros ainda de campo aberto, era a hora de "brincar com o boi".

2.3.1 - A Pegada

Constituia a saída dos vaqueiros devidamente preparados - roupas e provisões - para os campos abertos a busca de juntar todo o gado solto daquela região e tra zê-lo para o pátio da apartação.

O grupo - vaqueiros e, as vezes, os próprios proprietários - saíam ainda sem o quebrar da barra e só retornavam a boquinha da noite, quando não passavam a noite junto com o gado nos campos, para retornar no outro dia e, assim, até finalmente reunida toda a boiada, con duzir para a apartação.

Os vaqueiros dividiam-se em grupos que se deslocavam estrategicamente visando cobrir toda a área.

As reses já encontradas eram encaminhadas a um só local, normalmente um espaço mais ou menos aberto e sombreado, sendo vigiado por um grupo de vaqueiros que alternava o cerco, enquanto os outros continuavam o camppear.

Indispensável a presença do vaqueiro aboiador que permanecia no local do gado já reunido. O aboio servia para orientar os vaqueiros que, estando com o rastro do boi, conduzia-o orientado pelo som que partia as caatingas e levava-o até os outros já reunidos; para conduzir a boiada ao local desejado; para apaziguar o gado que sugestionado pelos tons seguem tranquilos e na rotina da fazenda aboiar o rebanho nas idas e vindas habituais aos currais, campos e cercados.

O aboio é o canto do vaqueiro. Já dizia o cronista Pedro Pereira de Araújo: "Quem não conhece o aboio dolente, o aboio magoado, o aboio sentido do vaqueiro nordestino, o aboio repleto de saudades através das vaquejadas, quem não conhece o mugido dos bois de nossa terra?" (10)

A arte de aboiar nos versos do poeta paraibano José Saldanha de Araujo:

"Quando se percebe ao longe
Um aboio enternecido,
Quem pode fazer mais nada?
Quem dele tira o sentido?



A lenta voz dos vaqueiros
É a própria voz do sertão,
Que desde a infância escutamos
Com o ouvido do coração" (11)

Do gado criado solto nos campos, sem vivências em currais e sem os cuidados permanentes de uma fazenda, dava a rês, muitas vezes, a aridez, a bravura e a impetuosidade. A predominância dessas características em um boi, dificultando ao máximo a sua pega pelos vaqueiros, fazia com que fosse conhecido por "barbatão".

A captura do "barbatão" era sempre vista como um desafio pelos próprios vaqueiros, que reunidos os melhores daquela região, partiam para o laço desses animais quase semiselvagens. A façanha da conquista traduzia grande fama e respaldo no seu meio, e ainda, muitas vezes, como prêmio um valor considerável em dinheiro.

O manejo do boi bravo era auxiliado por uma máscara (pedaço de couro colocado na cara da rês, impedindo dela ter visão frontal, e conseqüentemente de correr) e pela meia-de-mão (pedaço de sola posto nas suas mãos, também impedindo-a de correr) ou peia-de-pé-e-mão (prende uma das mãos com um dos pés-direito com direita ou esquerdo com esquerda).

Lendo Os Sertões, Euclides da Cunha inculca no leitor a beleza do vaqueiro no rastro de uma rês no mato: "Mas se uma rês alevanta envereda, esquivada, adiante, pela caatinga garrancheira, ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, ei-lo em momentos transformado, cravando os

alicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos déda los inextricáveis das juremas. [...] nada lhe impede en calçar o garrote desgarrado, porque onde passa o boi pas sa o vaqueiro com o seu cavalo. [...] escanchado no rastro do novilho esquivo: aqui curvando-se agilíssimo, sob um ramalho, que lhe roça quase pela sela; além desmon-tando, de repente, como um acrobata, agarrado às crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no último momento e galgando, logo depois, num pulo, o selim; - e galopando sempre, através de todos os obstá-culos, sopesando à destra sem a perder nunca ..." (12)

2.3.2 - A Derruba

É na derruba que o vaqueiro sertanejo tira a desforra dessa tarefa penosa. Não só pelo trabalho em trazer o gado, mas também pelo constante dia a dia ár-duo dispensado em um meio ambiente (o sertão) ameaçado com problemas reais de seca, nos quais dão dimensões de sua limitação existencial no cerne da natureza física. Revela também, na luta travada com o boi, a disputa de sua força humana versus a força animal.

O espírito das derrubadas era momento de alegria, de festa regado a uma pinga e em clima de brincadeira. A espontaneidade, o largado relaxado do vaqueiro

e o faz de conta da cumplicidade do gado na hora de "brincar", caracterizava a derruba inserida nas apartações.

Não obedecia aos atuais parques de vaquejada. Os vaqueiros ficavam à porteira do curral tendo na frente um pátio grande limitado apenas pela vegetação que determinava onde terminava o espaço aberto e onde principiava o campo fechado.

A rês ao sair do curral, os vaqueiros (normalmente um à direita e outro à esquerda) já tentavam colar no seu rastro e emparelhados, vaqueiro e boi ou vaca, conseguindo pegar a cauda da rês, e com um forte puxão objetivava colocá-la no chão: era a satisfação, a festa, a derruba. Não conquistando tal proeza, perder a rês era botar o boi no mato.

2.4 - O Vaqueiro

Nas primeiras fazendas de gado, o vaqueiro era o responsável pela fazenda, não recebia pagamento em dinheiro, a sua remuneração correspondia a 1/4 da produção pecuniária: em cada quatro crias, uma era sua e as três restantes do fazendeiro. O proprietário, geralmente, morava na cidade ou em engenhos da mata.

Mais tarde é que o vaqueiro ficará apenas com todos os cuidados do gado da fazenda.

Até há pouco tempo, se é que ainda não, o vaqueiro desfrutava de um maior respeito entre os outros também trabalhadores de uma fazenda, visto que as propriedades do sertão, principalmente do nordeste, detinham sua produção mais na pecuária e menos na agricultura que, a cada janeiro é assaltado com o medo da seca.

São os que lidam com o gado os primeiros a despertarem. Se levantam ainda com o quebrar da barra, estão nos currais, nos cercados, nos pastos, nos campos ou nas caatingas, se na sombra, é quase por acaso, pois é sob o sol escaldante que passam a maior parte do seu dia.

O vaqueiro também rasteja. É o rastejamento. A quele que na busca de alguma rês vê, decifra e identifica seu rasto em sinais disformes e maus delineados por onde passa nos riscos na terra, nos galhos cortados ou outra evidência que para outra pessoa qualquer passa completamente despercebidos.

A vida diária com o sol forte e com uma terra, na maioria dos meses do ano, árida permeando o seu trabalho, concede ao vaqueiro uma suposta autoridade sobre o gado que cuida. É sob esta familiaridade com a rês, que entende-se e pode-se tentar aceitar, a vaquejada como expressão da cultura popular do sertanejo rural.

"Fêz-se forte, esperto, resignado e prático.

Aprestou-se, cedo, para a luta". (13)

2.5 - A Descontextualização da Vaquejada

A vaquejada hoje acontece fora do contexto do homem do campo, não havendo a relação estreita do gado com o vaqueiro, que é comum no dia a dia de uma fazenda.

O ritmo deste evento ocorrido atualmente nas cidades difere completamente das características que modelaram a festa no passado, onde os protagonistas eram em primeira instância o homem do campo (vaqueiro ou um trabalhador da fazenda) versus o gado. A gradativa alteração dessa situação deu-se, em parte, graças a ganâncias de pequenos grupos de poder econômico e político em transformar tudo em meios nos quais de uma forma ou de outra lhes proporcione mais prestígios ou a perpetuação deste.

O feitio natural e espontâneo das "derrubadas" sem complicadas regras perdeu para um complexo conjunto de normas que agora ditam o curso das vaquejadas, desde a alta taxa do valor da inscrição até o momento do "valeu o boi".

Este desvio não só afastou ou distanciou o vaqueiro em participações quantitativas nas vaquejadas, como também proporcionou a descaracterização desta festa, transformando-se em um ato urbano com conotações meramente festiva e com teor folclórico, que tem no seu palco cavaleiros que são apenas corredores por capricho ou por profissão. Temos, então, de fato o profissional de vaquejada. Consiste este em percorrer todas as vaquejadas possíveis, indo de uma a outra seguidamente, colecionando prêmios e dando, dessa forma, a sua quota na sociedade no tocante a competitividade - competição muito mais sua e de entre seus colegas corredores do que

com a rês que está, na verdade, passada a passada marcando a trajetória e o ritmo da corrida e consequentemente da vaquejada.

É compreensível, e não poderia ser de outra maneira, a inexistência da cumplicidade do vaqueiro com a rês, uma vez que o ambiente da vida rural não condiz com este cavaleiro. Ele desconhece, e se conhece não vi vencia a luta árdua e constante da rotina de uma fazenda; não se levante com o sol, nem retorna ^{no} só pino do meio-dia, ou mais tarde, quando o sol já está na barra do poente; não transita entre matos e caatingas, nem põe as mãos na terra; ignora o rastro do seu gado, seus cu dados e as apartações necessárias; a falta de água ou inverno toca-lhe assim como sensibiliza qualquer outra pessoa que sente os percalços da seca ou a alegria da água que cai, e não como uma questão fundamental para o seu cotidiano.

Quanto ao tradicional forró que acompanha a vaquejada atual, nota-se nitidamente o desligamento do lazer com a pegada do boi. É marcante a presença de boa parte da sociedade urbana forroziando sob um prisma de uma participação exótica num momento diferente de seus habituais valores e manifestações culturais.

Na indumentária também não se foge a tal descaracterização, pois raramente se vêem os corredores com o encouramento e arreios do vaqueiro do sertão rural. As vestes são as mesmas trajadas no cenário urbano: ausen ta-se o couro para o aparecimento das peças de tecido.

Este distanciamento das dificuldades e labores que o sertanejo enfrenta no seu dia a dia desvincu-

la o cavaleiro atual da questão germinativa da vaquejada. Não há o sentimento de "brincar com o boi", assim como é estranho para esse profissional outros aspectos que interligam o homem, a terra e o gado, triângulo este, formador do tripé da vida do sertanejo rural do nosso sertão.

3- INDUMENTÁRIA

A indumentária do vaqueiro sertanejo que percorre mato a dentro é no seu figurino cuidadosamente bem traçado, visando um bom desempenho e proteção máxima ao seu usuário, quando no rastro de seu gado. Entende-se por essa indumentária todo o acernal necessário para o campear do vaqueiro montado no seu animal, não só as suas vestimentas e seus acessórios, mas também todos os apetrechos designados ao seu animal.

O couro, matéria-prima, é peça fundamental neste fabrico, exigindo atenção considerada desde a sua escolha, passando pela preparação, pelo corte, até aos acabamentos finais, alguns com elementos decorativos.

Os primeiros encouramentos eram feitos de couro de veado, para posteriormente, com a extinção destes, serem substituídos pelo couro de bode.

3.1 - Preparação do Couro

À chegar na peça pronta, passa-se por cuidados indispensáveis, isto é, o curtimento exige atenção na ti

ragem do couro, no seu preparo, até chegar ao estado de sola (o couro do gado bovino quando já curtido, antes era somente couro-de-boi), para finalmente cair nas mãos dos artesões responsáveis pela feitura de toda a indumentária necessária ao campear do vaqueiro no rastro da rês, no meio do mato.

O primeiro passo é já a tiragem feita esmeradamente: começa na linha da barriga, de cima para baixo, retirando as vísceras, toda a carne ou gordura possíveis, e livre de qualquer corte que venha a danificar o couro. Parte, então, para a lavagem, e em seguida é estirado - amarra-se em varas de madeira, normalmente de marmeleiro, de maneira que enfiados, formando um x, em mossas (furos) feitos nas margens da cabeça, das garras, da barriga e da cauda - objetivando o seu esticamento completo, que atingido, segue-se a secagem em locais à sombra e ventilados.

É o momento de fazer cair o cabelo e engrossar, se o curtimento não for o couro curtido em cabelo. Fica este de molho no período de 24 horas, para depois mergulhá-lo em uma decoada - 200 latas (querosene) d'água para $2^{1/2}$ a 3 latas de cinza de catingueira, angico ou arueira. Vira-se todos os dias, e a partir do terceiro dia, coloca-se mais água, e após sete dias, retira-se e já escorrido e descabelado, volta a água por 24 horas.

O couro agora está no pontô de curtir. É o curtimento. O processo inicia com a preparação da casca de angico que, estando já seca, é esfarelada a cacête ou pilada em sacos de aniagem para ser despejada no tanque com

água e, ao consistir numa espessura de dois dedos, coloca-se o couro e depois outra de casca, e depois outro couro e, assim alternando casca e couro, chega a última pe-ça. Feito isso, despeja mais água até cobrir todo o mate-rial e durante 10 (dez) dias, o couro é revirado todos os dias e a casca mudada dia sim, dia não. Passado esse pe-ríodo, a casca é trocada a cada 3 (três) dias e atingido a média dos 22 (vinte e dois) dias, todas as peças são retiradas, lavadas e secadas a sombra.

Curtido, agora é ser grossado, ou seja, reti-rar por igual as peles do lado interno no grossador (tron-co linheiro e liso de pereiro serrado ao meio que recebe o couro). Está no ponto de banhá-lo em óleo de origem vegetal ou animal e então, finalmente, o serviço é com os fazedores das peças da indumentária - os artesões.

Um impecilho para a confecção por completo do couro são as ferras. As queimaduras decorrente das mar-cas dos ferros é motivo de preocupação para com o apro-veitamento do couro já no século passado. Em 21 de março de 1885, a Lei Provincial nº 945, proibia a ferra na rês em outra parte que não fosse na extremidade inferior da coxa, querendo com isso poupar o quanto possível o seu couro.



3.2 - Sobre o Vestuário

Hoje as vestes do vaqueiro sertanejo difere das

usadas pelos pastores do Brasil Colônia, ou de um passado mais recente. Tal modificação é justificada com as alterações próprias do desenvolvimento da sociedade e de seus meios de produção, que amplia o seu raio de influência/consequência da cidade ao campo. "O melhoramento das raças, divisão e sub-divisão das propriedades, a pastagem artificial, a fenagem, a ensilagem, os concentrados, as instalações rurais e o melhor manejo do gado, fazem crer que a atual veste dos nossos vaqueiros será, com o passar dos anos, modificada ou mesmo substituídas, sobrevivendo aqui ou acolá, nas criações extensivas ou nas tradicionais festas das vaquejadas". (14)

Do registro mais antigo que se tem de sela de cavalgar, no tempo do Brasil Colônia, a referência é a trazida além mar: a gineta. A sua origem é moura, e apreendida o seu fabrico pela cavalaria européia, tranpôs os europeus esta tradição às terras de suas colônias no momento de sua colonização.

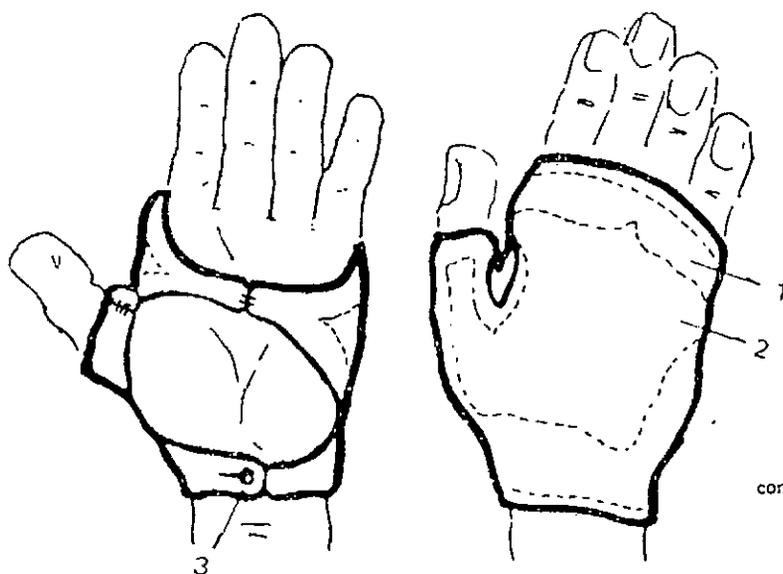
No entanto, tão logo fez-se a acomodação nas terras do câ sertão, deu-se gradativamente as alterações necessárias a adaptação do novo ambiente. "Com os tempos e depois que deram as costas para o mar e tomaram o rumo dos sertões, a diversificação do trabalho, o clima e o espinho da caatinga, é muito factível terem feito o ensino nas modificações dos arreios". (15)

3.3 - Anexos

Segue desenhos ilustrando detalhadamente o encouramento usado pelo vaqueiro e o seu animal quando sai no rastro do seu gado sertão a dentro.

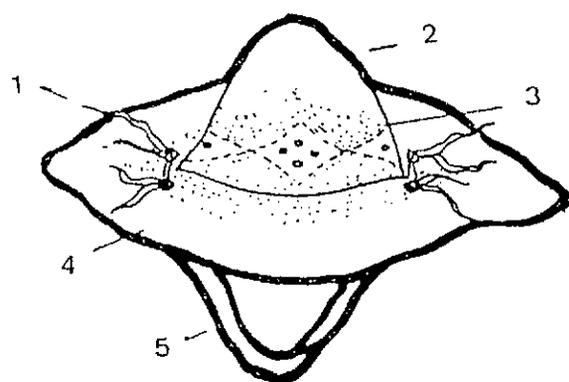
Todas as ilustrações são de autoria de Oswaldo Lamartine de Faria, contidas no seu livro "Encouramento e Arreios do Vaqueiro no Seridô".

3.3.1 - Encouramento do Vaqueiro



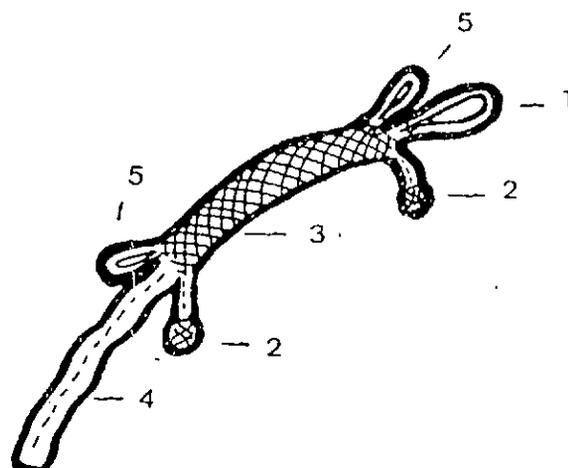
Luvas

1 — Vista, em duas peças de couro. 2 — Luta, feita com uma única camada de couro. 3 — Botão em nó-de-rosa



Chapéu de couro

1 — Correias do barbicacho, em número de quatro para cada lado, que servem para regular o comprimento do barbicacho. 2 — Carapuça, feita de duas peças de couro. 3 — Malame, três couros superpostos, em desenho esturdo na mágula, com furos para a ventilação. 4 — Abas, formada por quatro couros superpostos. 5 — Barbicacho.

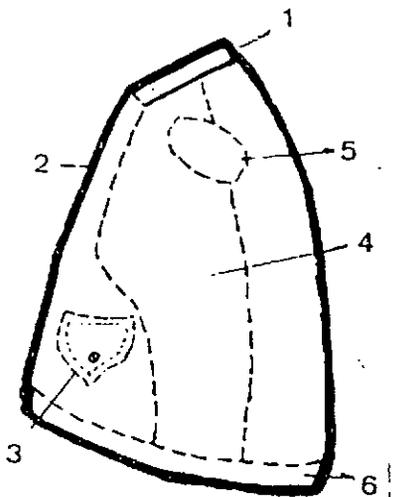


Ligete trançada em couro curtido

1 — Alça com que se conduz presa ao pulso. 2 — Botão em nó-de-rosa que abotoa na casa oposta (5) transformando-a em pela-de-mão. 3 — Trança. 4 — Língua. 5 —

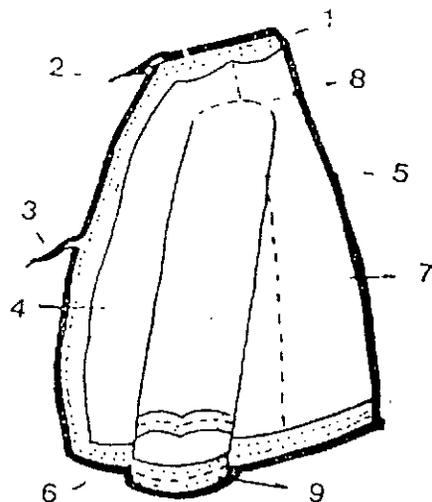
Gibão ou vesta (lado esquerdo):

1 — Colarinho. 2 e 3 — Correias atacadeiras. 4 — Aba, com duas costuras à máquina e uma em pesponto. 5 — Manga. 6 — Punho. 7 — Costas. 8 — Costura de dois cabos. 9 — Costura em pesponto, ladeada por duas costuras à máquina.



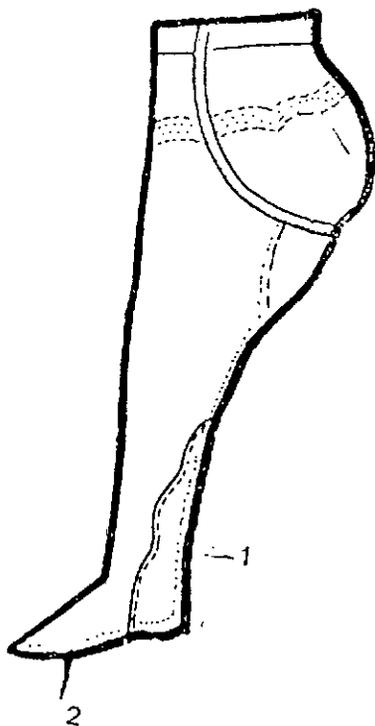
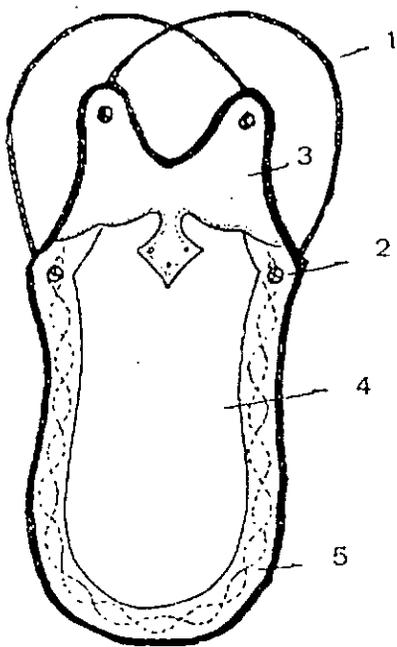
Gibão (Avesso):

1 — Colarinho (em duas dobras). 2 — Barra. 3 — Bolso com botão em nó-de-rosa. 4 — Aba (a aba e as costas têm uma única camada de couro). 5 — Casa da manga. 6 — Barra, em couro duplo. Obs. Todas as costuras internas são em dois cabos.

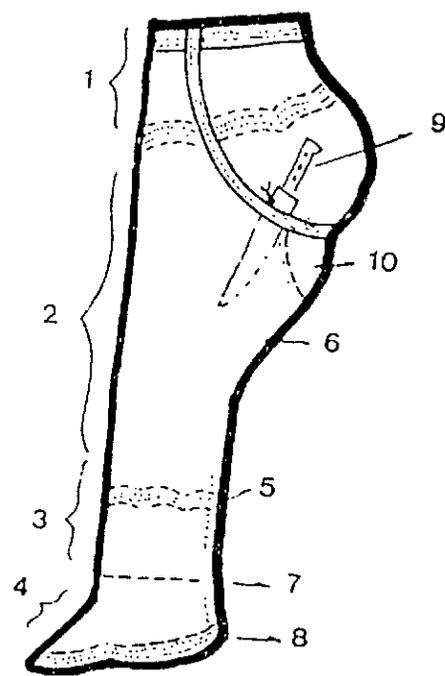


Guarda-pelto ou colete

1 — Trança de couro em 4 pernas. 2 — Nó-de-rosa. 3 — Vista, em duas camadas de couro. 4 — Guarda-pelto em peça única. 5 — Barra, reforçada em duas peças, com "deseño do oito".



Perneira (perna direita): 1 — vista. 2 — Correia que se prende sob o pé.

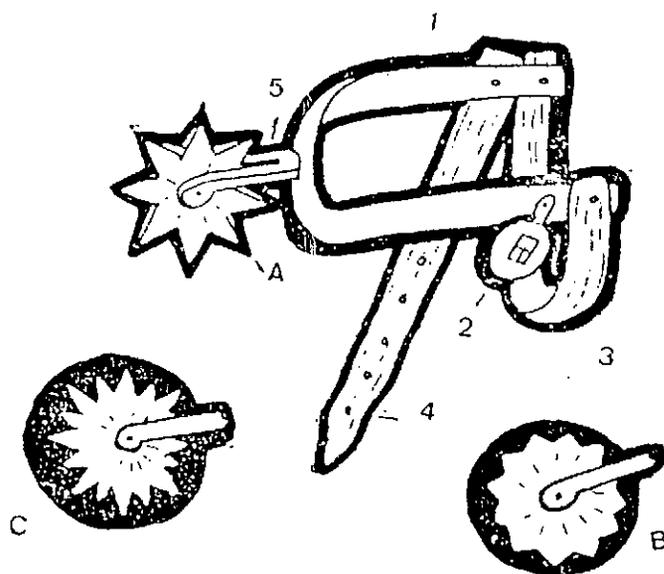


Guarda

1 — Cós, em duas peças. 2 — Guarda (couro simples). 3 — Contra-forte, em duas peças. 4 — Bico, Idem. 5 — Duas costuras à máquina que ladeiam um pespontado de correia. 6 — Costura à máquina. 7 — Costura de correia. 8 — Costura de dois cabos. 9 — Faca. 10 — Vista do pé da cós, em duas peças de couro.

Espora

1 - Curva de metal ferrugento, inquel ou prata. 2 - Fivela do mesmo material. 3 - Cilha. 4 - Atacadeira. 5 - Cachorro. A - Roseta de pun ou de estrela B - Roseta de serm C - Roseta dente-de-piranha.



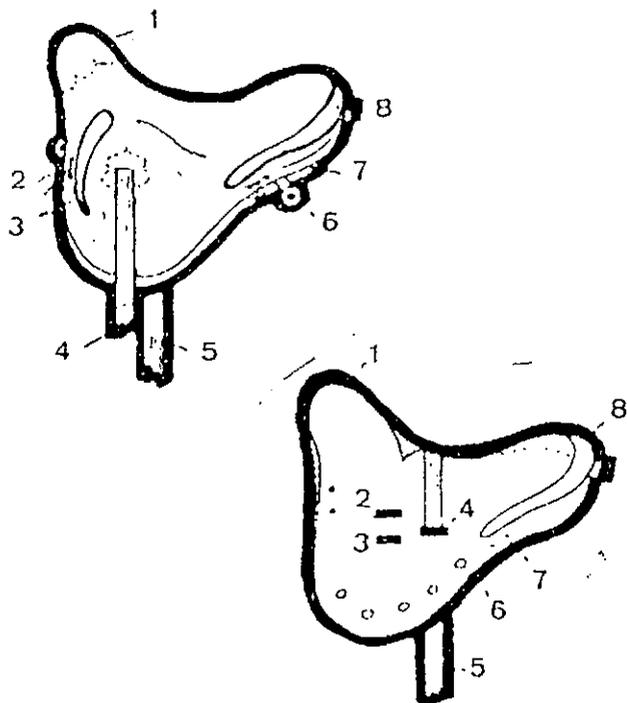
Vaqueiro com encouramento completo

Foto João Alves/Natal-RN

3.3.2 - Encouramento do Animal

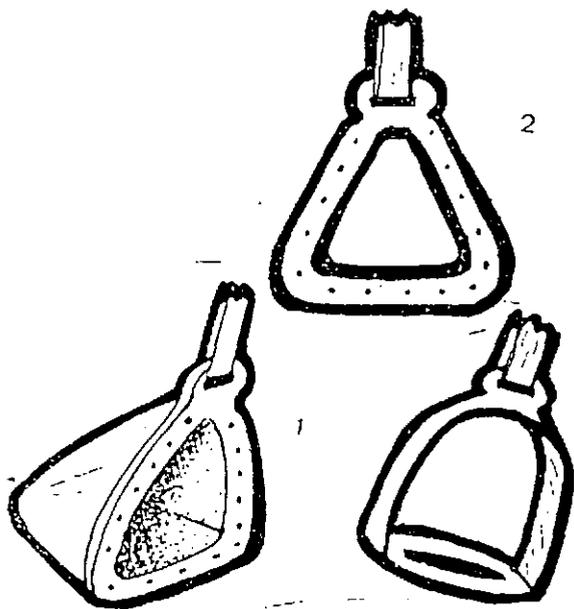
Capa grande (em sola)

1 — Costura, no divisor das águas, que fecha as duas capas (lado direito com o esquerdo). 2 — Casas do loro; o loro entra na casa inferior (1) e sai na superior (2). 4 — Casa da cilha. 5 — Cilha. 6 — Desenho em rebaixado (marca do seleiro). 7 — Furos das correias do talabardão. 8 — Arção traseiro (não revestido pela sola). 9 — Costuras à mão com linha zero.



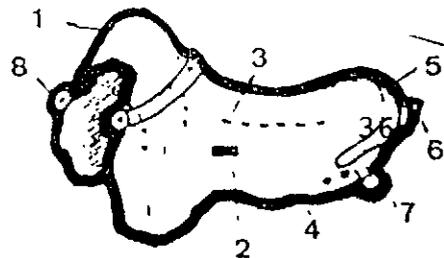
Capa do coxim

Revestida com a *sobre-capa*, a ela grudada, completando a fase final do acabamento da sela roladeira. 1 — Santo António ou lua-da-sela. 2 — Correias do talabardão. 3 — Borracha (também chamada de canudo) dianteira. 4 — Loros que sustentam os estribos. 5 — Cilha. 6 — Pegador da rabichola. 7 — Suador. 8 — Aranha-do-rabicho. *Obs* A capa-grande fica aparecendo de vez que excede uns três centímetros.



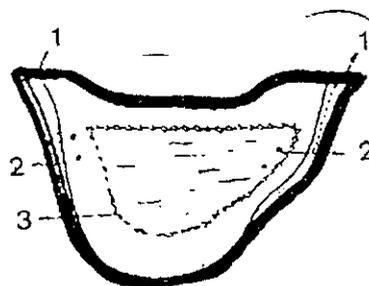
Estribos

1 — Estribo coberto, em armação de barandão, quiri ou umbiriba (madeiras resistentes e flexíveis), revestido de sola e costurado em 2 cabos com fio da Bahia encerado. 2 — Estribo aberto, de madeira e sola, cravejado. 3 — Estribo aberto, de madeira e sola, cravejado, modelo redondo. 4 — Estribo de metal ferrento, níquel ou prata.



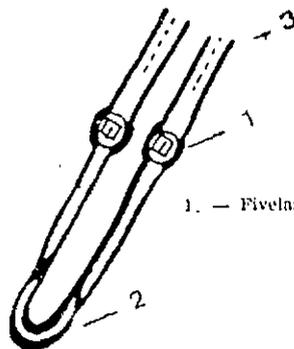
SELA ROLADEIRA Arção

1 — Arção dianteiro, em esqueleto de curva de mo-fumbo que forma o *Santo António* ou *lua-da-sela*. 2 — Casa do loro. 3 — Vão, pespontado em correias de couro cru (nas selas gineas o vão é aberto). 4 — Ressaíra ou espendras (uma de cada lado) que aparafusam um arção ao outro. 5 — Arção traseiro ou meia-lua. 6 — Aranha-do-rabicho. 7 — Pegador da rabichola (argola). 8 — Pegador do petoral (argola). 9 — Furos das correias do talabardão.



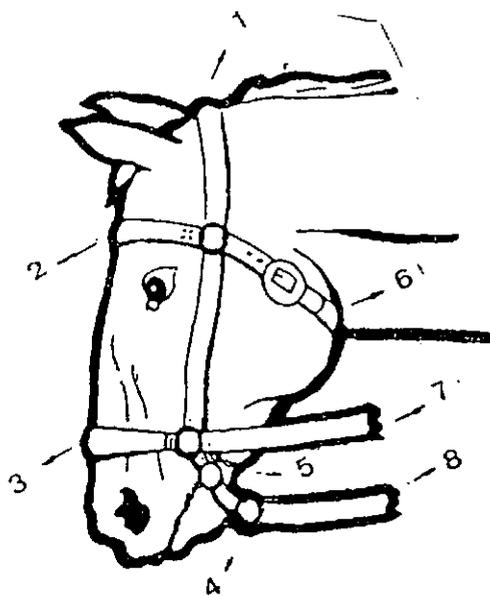
Talabardão

(Lado esquerdo): 1 — Dobra costurada à máquina com linha zero. 2 — Furos para as correias do talabardão. 3 — Costura de braço, em "x", com linha de fio da Bahia, fransida, que forma o suador.



Rabicho

1. — Fivelas. 2 — Chouriço. 3 — Lâpis.



Cabeçadas

1 — Cangoteira; 2 — testeira; 3 cortadeira; 4 — brida; 5 — barbela; 6 — sirigóia (ciscgola); 7 — rédea da cortadeira e 8 rédea da brida.

CONCLUSÃO

Do aqui exposto, conclui-se que a vaquejada foi decorrente de uma atividade habitual do vaqueiro, ou seja, da necessidade de se fazerem as apartações. Fica claro, também, que o evento ao se distanciar do mundo do vaqueiro, vai perdendo o caráter de manifestação cultural do sertanejo rural e, o fato do vaqueiro ter acesso restrito nos atuais parques, devido a comercialização do evento, agrava ainda mais a descaracterização da vaquejada, sua festa.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (01)- NELSON W. SODRÉ, Formação histórica do Brasil ,
pág. 122
- (03)- GILBERTO P. GUIMARÃES, Quatro séculos de latifun
dio, pág. 68
- (04)- LUIZ DA C. CASCUDO, A vaquejada nordestina e sua
origem, pág. 31
- (05)- FLÁVIA DE F. CASTRO, Vaquejada no sertão, in: Culu
tura, pág. 93
- (06)- EUCLIDES DA CUNHA, Os sertões, pág. 88
- (07)- JOSÉ FERNANDES BEZERRA, Retalhos do meu sertão,
pág. 7
- (08)- JUVENAL L. DE FARIA, Velhos costumes do meu ser-
tão, pág. 98
- (09)- LUIZ DA C. CASCUDO, A vaquejada nordestina e sua
origem, pág. 17

- (10)- JOSÉ F. BEZERRA, Retalhos do meu sertão, pág. 17
- (11)- JOSÉ F. BEZERRA, Retalhos do meu sertão, pág. 18
- (12)- EUCLIDES DA CUNHA, Os sertões, pág. 82
- (13)- EUCLIDES DA CUNHA, Os sertões, pág. 83
- (14)- OSWALDO L. DE FARIA, Encouramento e Arreios do
vaqueiro no Seridó, pág. 23
- (15)- OSWALDO L. DE FARIA, Encouramento e Arreios do
vaqueiro no Seridó, pág. 14

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- 01 - ALVES, Celestino. Vaqueiros e vaquejadas. U F R N ,
Natal-RN, 1986.
- 02 - ABRANTES, Antonio Augusto. O que é cultura popular.
Brasiliense, São Paulo-SP, 1987.
- 03 - BEZERRA, José Fernandes. Retalhos do meu sertão. Gráfica e papelaria leão do mar ltda, Rio de Janeiro-RJ, 1978.
- 04 - CASTRO, Flávia de Faria. Vaquejada no sertão. In.
Cultura - MEC, Brasília-DF, Vol. 06, nº 22, jul/
set, 1976, pag. 91-98.
- 05 - CASCUDO, Luís da Câmara. A vaquejada nordestina e sua origem. Fundação José Augusto, Natal-RN.
- 06 - _____. Nomes da terra: geografia, história e toponímia do RN. Fundação José Augusto, Natal-RN, 1968.
- 07 - _____. Viajando o sertão. Fundação José Augusto, CERN, 3ª ed. Natal-RN, 1984.

- 08 - _____ . Dicionário do folclore brasileiro. Itatiaia, 5ª ed., Belo Horizonte- MG , 1984.
- 09 - CUNHA, Arthépio Bezerra de. Memórias de um sertanejo. Pongetti, Rio de Janeiro-RJ, 1971.
- 10 - CUNHA, Euclides da. Os sertões, campanha de Canudos. Livraria Francisco Alves, S.A, 33ª ed., Rio de Janeiro-RJ, 1987.
- 11 - FARIA, Juvenal Lamartine de. Velhos costumes do meu sertão. Fundação José Augusto, Natal-RN, 1965.
- 12 - FARIA, Oswaldo Lamartine de. Encouramento e arreios do vaqueiro no seridô. Fundação José Augusto, Natal-RN, 1969.
- 13 - _____ . Ferro de ribeiras. Coleção mossoroense, vol. CCXLI, série C, 1984.
- 14 - _____ . Apontamentos sobre a fauna de ponta. Coleção mossoroense, vol. CDXIV, série C, 1988.
- 15 - FREYRE, Gilberto. Casa-grande e senzala. José Olympio, 25ª ed., Rio de Janeiro-RJ, 1987.



- 16 - GUIMARÃES, Gilberto Passos. Quatro séculos de latifúndio. Paz e terra, 5ª ed., Rio de Janeiro-RJ, 1981.
- 17 - HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. José Olympio, 20ª ed., Rio de Janeiro-RJ, 1988.
- 18 - LAMARTINE, Pery. Velhas oitocenas. Fundação José Augusto, Natal-RN, 1991.
- 19 - LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. Brasiliense, 3ª ed., São Paulo-SP.
- 20 - LARAIA, Roque de Barros. Cultura - um conceito antropológico. ZAHAR, 4ª ed., Rio de Janeiro-RJ, 1986.
- 21 - NÓBREGA, Janúncio Bezerra. Revivendo o seridó. Clima, Natal-RN, 1981.
- 22 - NORMANO, João Frederico. Evolução econômica do Brasil. Nacional, 2ª ed., São Paulo-SP, 1975.
- 23 - SODRÊ, Nelson Werneck. Síntese de história da cultura brasileira. Bertrand Brasil S.A., 15ª ed., Rio de Janeiro-RJ, 1988.
- 24 - _____ . Formação histórica do Brasil. Difel, 11ª ed., São Paulo-SP, 1982.

25 - SIMONSEN, Roberto C. História econômica do Brasil (1500/1820). Nacional/MEC, São Paulo-SP, 1977.

